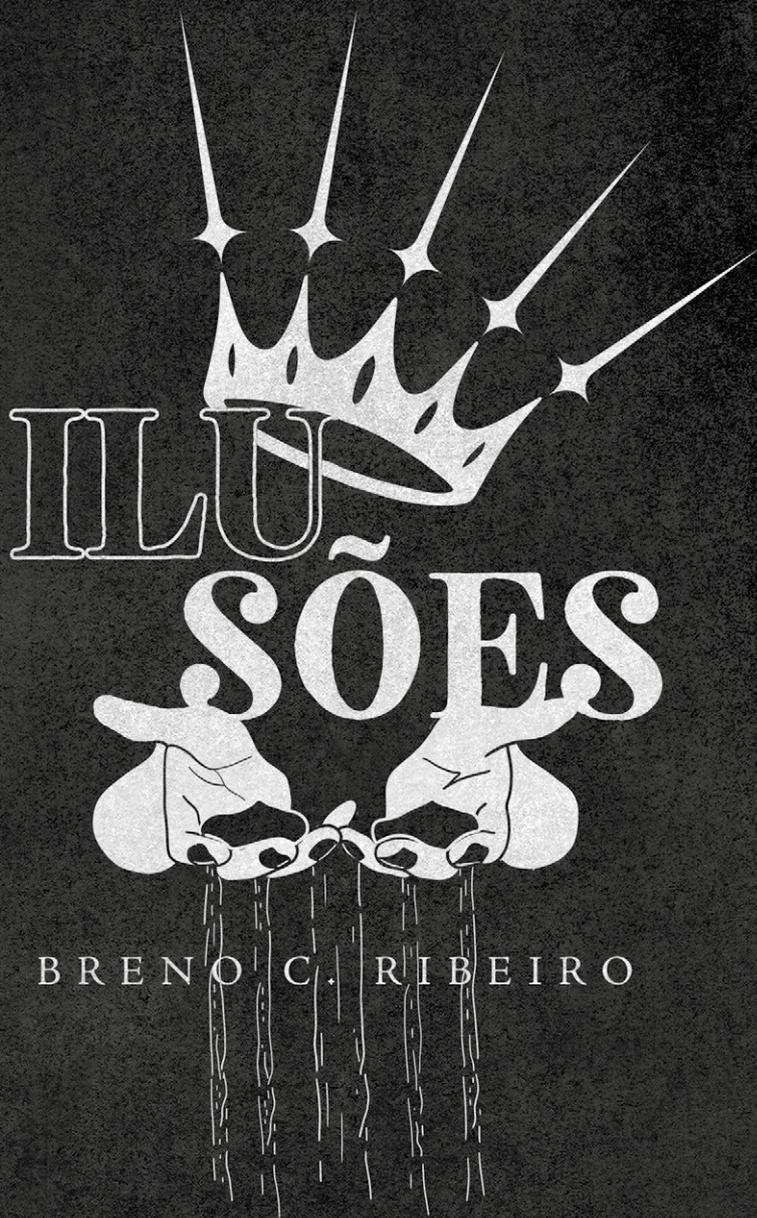


ILUSÕES





BRENO C. RIBEIRO



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023
Copyright © Breno C. Ribeiro, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

REVISÃO

Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Sara Vertuan

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ribeiro, Breno C.

Ilusões / Breno C. Ribeiro – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-95-3

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Contos



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

*Para Geovanna Camargo Ribeiro, Lucas Gabriel Ribeiro
e Marlene de Fátima Camargo*

Sumário

Agradecimentos	9
Hércules	11
Henrique VIII	15
Bruxa	19
O labirinto	23
Gênesis	33
O vale	35
Segredos	39
A queda	41
Magia	45
Golpe	47
A cidade de Babel	51
Elixir	55
Vida	63
Submissão	83
Para sempre	87

Agradecimentos

Começo agradecendo a todos que tiraram um tempo para ler este livro; espero que ele possa tocá-los de alguma forma. Todo o esforço para juntar estes pequenos textos, escritos ao longo da minha vida, veio de uma tendência natural do homem de marcar. Não apenas do homem, de todos os seres vivos. Deixar sua marca. E esta é a minha. Minha carta de amor à literatura, a Borges, a Saramago e muitos outros. Pessoas que me fizeram sentir, que me trouxeram sopros de vida, de magia. Espero que os contos aqui presentes os toquem da mesma forma e que as mensagens que aqui deixo sejam repassadas. Não serão por mil e uma noites, mas serão por algumas. Obrigado!

Hércules

Miguel batia com o carrinho na grama. A cada pancada, o plástico vermelho, que simulava a lataria de uma Ferrari, cedia um pouco mais. Tinha sido deixado na grama bem cortada do jardim pela mãe por alguns poucos instantes, o pai chegara com algumas sacolas para o churrasco que fariam logo mais. Uma delas rasgou e esparramou as latas de cerveja pelo chão da área gourmet. Os convidados estavam chegando para comemorar mais um ano de vida de Marjorie, a mãe. Ela deixara o filho ali, o que poderia acontecer? A piscina estava tampada com a lona. Não pensou em Hércules, afinal ele era da família. Era como o filho primogênito.

Marjorie e Pedro ganharam Hércules oito anos antes, Miguel não era uma possibilidade ainda. Hércules era um pit bull, um exemplar puro-sangue que veio de um colega de Pedro, criador de cães de raça. Sempre fora um cão doce. Quando Miguel nascera, dois anos antes, Hércules deitava ao lado do berço, atuando como protetor do recém-nascido. Nas fotos de família, lá estava Hércules. Portanto, qual seria o problema de Hércules estar solto nesses poucos instantes em que ela ajudaria a recolher algumas latas?

O cão chegou perto do bebê, fungando e sentindo o cheiro de sabonete infantil. O bebê soltou o carrinho e chacoalhou os

braços, articulando algumas palavras que, provavelmente, eram um embrião para Hércules. O cão torceu o pescoço para encarar o seu “irmão”. Miguel riu e apertou com suas mãozinhas o focinho do cão. Sentiu aquela espécie de esponjinha molhada na palma das mãos e soltou um grito de satisfação. Era uma manhã ensolarada. Hércules mostrou os dentes e rosnou. Em um movimento veloz, girou a cabeça e mordeu o pescoço do menino. Os dentes grandes e fortes do cão encravaram na pele fina do bebê. Acertaram os vasos principais do pescoço.

O grito de felicidade dava lugar a um grito de dor e medo. Um grito agudo. Um pedido de socorro infantil. Sangraram as jugulares, as subclávias e as carótidas. Os músculos rasgavam-se na medida em que o cachorro dava o giro da morte e sacudia o corpo inocente em movimentos convulsivantes.

O pai soltou as sacolas e, em desespero, pegou a grelha da churrasqueira. A mãe deixou cair de novo o que fora recolhido e correu em direção ao filho. A grelha se chocou contra as costas do cão enquanto os gritos de “Solta, Hércules” ecoavam pelo jardim e pelos cômodos vazios da casa. Marjorie tremia conforme procurava desesperadamente pelo celular, perdido no meio daqueles segundos de terror. Hércules soltou a criança depois da terceira pancada nas costas. Rosnava e latia ao passo que Pedro segurava o filho empapado de sangue e inconsciente nos braços.

Não havia tempo de esperar pela ambulância. Miguel sangrava no colo da mãe no banco de trás do carro. O couro amarronzado ganhava tons de vermelho. O pai cortava as ruas e os sinais a mais de 100 km por hora. Chegaram no hospital em poucos minutos. Mas Miguel já jazia pálido. Estava em choque. Tentativas de reanimação eram feitas enquanto os pais aguardavam desesperados no

salão. Depois de intermináveis minutos, a notícia chegava. Miguel estava morto.

Marjorie teve um colapso nervoso e foi internada. Clonazepam. Sedação. Pedro ainda estava em estado catatônico. Não conseguia acreditar em tudo o que tinha acontecido. Não queria acreditar que um segundo de desatenção tivesse ocasionado todo esse terremoto em sua vida. Toda essa desestruturação de uma base tão sólida. Por quê? Por que toda essa imprevisibilidade da vida? Pensava em Nietzsche e na ideia de Amor Fati. Pensava no estoicismo. Tudo bobagem quando se deparava com uma realidade tão cruel. Era tudo o mesmo lixo de autopiedade com um verniz intelectual. Amar o destino é o caralho. Estava em estado de negação. O luto é cortante. É um breu, um buraco negro que suga a luz em volta.

Tinha decidido. Deu uma última olhada na esposa sedada na cama. Pegou as chaves e desceu as escadas do hospital. Passou pelo saguão e entrou no carro. Parou no portão da casa. Não era mais a sua casa, era uma cena de crime. Um matadouro. Um cemitério. Entrou no escritório e abriu o cofre. Uma pistola semiautomática descansava no fundo. Pegou. Correu a porta de vidro que dava para os fundos. O sangue tinha secado na grama verde e brilhava lugubrememente com a luz da lua.

Hércules correu em sua direção e bateu com as patas no seu tronco, o lambeu. O carinho de anos. O amor irracional que ainda tinha pelo dono. A falta de consciência sobre os próprios atos. Um animal instintivo, irracional. Seria assim tão diferente de ele mesmo? Lembrou-se de todos os momentos que tivera com o cachorro. Pequenos relances de afeto e felicidade. Não sabia o que sentia por aquela besta. Tão dócil. Tão mortal. Lembrou-se do momento de barbárie, da morte do próprio filho. Traição. Mas como poderia

um ser não pensante trair? Não conseguia entender o que levava o animal àquilo. Mas não precisava entender. Encarava Hércules. A chaga da vida. O poder da imprevisibilidade. O poder da natureza. A falência do homem. A pequenez da existência. Seu fracasso como pai. Sua derrota como marido. Amor e ódio. Desonra.

Ele acariciou a cabeça do cachorro e agachou na sua frente. Desafiava o destino, corria o risco. All in. Hércules se sentou e fechou os olhos. Pedro perguntou: “Quem é o bom garoto?”, e Hércules latiu. Um estampido surdo e o cachorro caiu morto na grama. O tiro ecoou pelo bairro. A mesma grama que absorvera o sangue do seu filho agora absorveria do seu algoz. Do seu cachorro. Irmãos de vida e uma mesma sentença.

Pedro fora Deus e ditara a sentença sobre a vida de Hércules. Seria isso justiça? Não sabia dizer, mas naquele momento equilibrava as coisas. Não teria seu filho de volta, mas agora não importava mais.

O sol brilhou fortemente no dia do velório. O pequeno caixão, de aproximadamente um metro de comprimento, desceu a vala e foi enterrado, levando consigo as expectativas de felicidade daquela família. Naquele dia, não foi apenas Miguel que foi velado.